

# Os Senhores da Terra: necrópoles e comunidades rurais do território alto alentejano nos sécs. VI-V aC

*Rui Mataloto \**

*«...os três foram-se para conversar, lá, com as mães desse lugar. Com três mortos aqui, elas não nos verão como intrusos. Agora, somos daqui»*

M. Vargas Llosa (2011) O falador. Leya, p. 143.

\* Município de Redondo. rmataloto@gmail.com . O presente texto constitui um trabalho elaborado na sequência do encontro realizado na AAP a 12 de Novembro de 2012 intitulado: A Idade do Ferro do Sul de Portugal: O mundo funerário, dados recentes, acabando, por motivos diversos, por ser publicado previamente às actas daquele encontro.

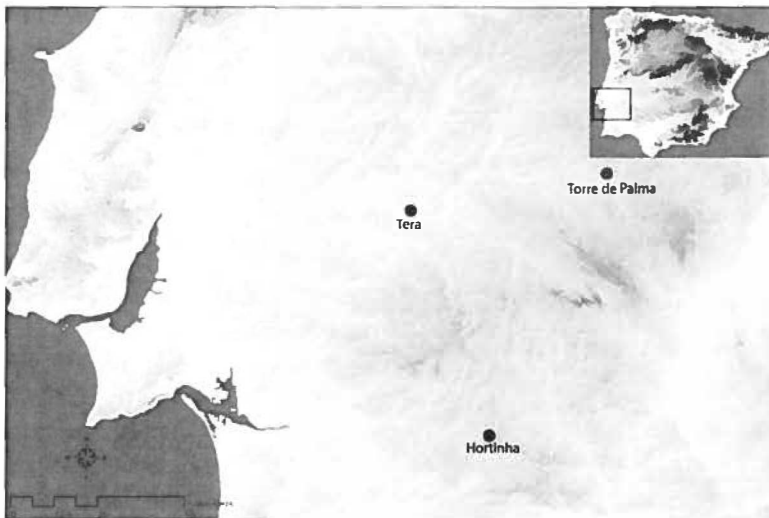


Fig. 1 Necrópoles sidéricas do Alto Alentejo, aqui em estudo

### 1. O território histórico e geográfico: perspectiva geral

O Alto Alentejo é um território genericamente associável aos distritos de Évora e Portalegre, sendo caracterizado por paisagens abertas, apenas levemente onduladas, de onde emergem, a espaços largos, destacadas elevações e serranias que o balizam, a Norte (São Mamede) e a Sul (Serra de Portel/Mendo) (v. Fig. 1).

As grandes linhas de cumeada, como a Serra d'Ossa, o Maciço calcário de Estremoz, a Serra de Portel ou, mais a Norte, São Mamede, que marcam largamente a paisagem, dispõem-se em sentido aproximadamente SE-NW favorecendo a criação de grandes eixos naturais de circulação.

Neste trabalho iremos centrar-nos principalmente no território centro alentejano, genericamente o distrito de Évora, e na zona Sul do distrito de Portalegre, deixando de parte a região mais a Norte, que assume marcada individualidade geográfica face aos territórios mais a Sul, anunciando já a proximidade com o território beirão.

Esta é uma região claramente marcada pela centralidade do festo entre as três grandes bacias hidrográficas do Sul do território português, reforçando as suas características de grande corredor natural entre o curso superior descendente do Guadiana e o tramo final do Tejo.

Deste modo, julgo importante realçar o território aqui em análise como uma grande área de transição e passagem, um extenso corredor natural de

ligação entre a bacia do Médio Guadiana e estuário do Tejo e do Sado.

Os escassos dados paleoecológicos, baseados em limitadas análises polínicas, parecem determinar que, para o momento que aqui nos ocupa, o território em questão teria conhecido ainda uma importante cobertura vegetal, de montado denso, e importantes coberturas ripárias, que entra em rápida regressão durante o período aqui em questão (Hernández, 2005).

### 2. As comunidades rurais alto alentejanas: povoamento e paisagem

O território alto alentejano conhece um processo de ruralização do povoamento que se desenvolve, de modo sistemático, a partir de meados/finais do séc. VII a.C., coincidindo com o abandono dos grandes povoados fortificados do final da Idade do Bronze, num movimento desencadeado, provavelmente, ainda na centúria anterior (Mataloto, 2004; Calado, Mataloto e Rocha, 2007; Calado e Mataloto, 2008; Mataloto, 2012).

No séc. VI a.C., a ocupação rural surgirá já com um padrão consolidado, efectivando-se ao longo deste século, creio, o *optimum* deste modelo de instalação, que conhecerá outras tendências nos séculos seguintes.

A possibilidade de estudar uma área relativamente extensa nas margens do Guadiana permitiu caracterizar uma verdadeira comunidade ribeirinha, que se estruturou ao longo do rio durante o 1º mi-

lénio a.C. (Calado, Mataloto e Rocha, 2007; Calado e Mataloto, 2008). A identificação de mais de três dezenas de pequenas instalações, e a escavação parcial de uma dezena, permitiu observar a enorme diversidade de que se podem revestir estas instalações. Assim, parecem distender-se na diacronia com um dinamismo e uma constância de que resulta um panorama particularmente rico, onde algumas ocupações se esgotam, enquanto outras se consolidam e expandem, chegando a conhecer importantes conjuntos edificados com várias centenas de metros quadrados de área coberta, como acontece no Espinhaço de Cão. A par destes, ou na sua sequência, emergem, provavelmente durante o séc. V a.C., grandes conjuntos edificados em contexto rural, com evidentes características de destaque, como a organização tripartida do espaço residencial (os edifícios em Tridente, de Javier Jiménez, 2009), caso do sítio da Malhada das Taliscas 4, à imagem do conhecido nos complexos de prestígio do Médio Guadiana, como Cancho Roano (Celestino, 1996) e La Mata (Rodríguez Díaz, 2004).

Neste troço do Guadiana, hoje submerso, foi então possível documentar uma elevada concentração de pequenas instalações, com algumas claramente destacadas face às restantes, sendo relativamente simples vislumbrar alguma hierarquia interna do conjunto, quer em termos sociais, quer produtivos; assim, instalações como o Espinhaço de Cão, com várias centenas de metros quadrados de área edificada, com espaços residenciais e possivelmente cultuais, poderiam coordenar e originar outros, como o Moinho Novo de Baixo, com reduzidas áreas edificadas.

Deste modo, e alargando ao resto do território as leituras feitas a partir do troço do Guadiana analisado, creio que a ocupação rural centro alentejana acabará por se coordenar, em grande medida, entre si, organizando-se em torno de territórios que se vão estruturando ao longo do tempo. Assim, grandes complexos rurais, como o Espinhaço de Cão, poderiam gerar e controlar diversas outras entidades menores, enquanto outras ainda se organizariam, na margem dos territórios mais férteis, em pequenas comunidades relativamente isonómicas e interligadas por laços familiares, como poderia

ser o caso da Herdade da Sapatoa, que no total poderia envolver várias dezenas de pessoas (Mataloto, 2004, 2008). Não creio ser particularmente problemática a aceitação de um certo grau de autarquia nestas comunidades rurais, que ocupam todo o agro alentejano.

Creio, então, que a transformação das estruturas sociais durante o segundo quartel do I<sup>o</sup> milénio aC não será unívoca, nem directa, emergindo num primeiro momento uma realidade menos hierarquizada, mais isonómica, mas eventualmente mais diversa, que durante o final da Idade do Bronze; no entanto, as novas estruturas sociais de fundo rural rapidamente evoluirão para novas formas de entrosamento e poder, que parecem nascer e consolidar-se nesta realidade rural, sendo a evolução interna do conjunto arquitectónico do Espinhaço de Cão (Mataloto, 2009, p. 285) o melhor exemplo deste processo, em território alto alentejano, entre os finais do séc. VII a.C. e os inícios/meados do séc. V a.C.

Em geral, após o colapso de sociedades com estruturas de povoamento mais hierarquizadas, como parecem ser as do final da Idade do Bronze, geram-se sistemas de solidariedade baseados nas estruturas familiares, originando sistemas de povoamento de menores dimensões, mais isonómicos, mas fortemente ligados por laços de sangue (Démoule, 1999, p. 130). Parece-nos justamente este o processo que se pode reconhecer na região alentejana durante um momento antigo da Idade do Ferro.

As aglomerações de maiores dimensões, a existirem durante esta fase, são ainda pouco ou nada conhecidas no território alto alentejano.

A Cabeça de Vaiamonte, pelo modo como marcou o conhecimento da Idade do Ferro do interior do sudoeste peninsular, em particular pelo trabalho sobre a cerâmica estampilhada (Arnaud e Gamito, 1974-77) resulta ainda hoje uma ocupação fulcral para o conhecimento deste período na região.

Apesar da falta de dados estratigráficos e cronológicos existem bons indícios que apontam para uma ocupação relevante no início da segunda metade do milénio, plenamente integrada nas dinâmicas regionais de distribuição de produtos de grande circulação, caso dos recipientes e pendentes de vi-

dro, de claro fabrico alóctone, possivelmente mediterrâneo, (Fabião, 2001, p. 212).

O povoado de Segóvia representa outra das grandes instalações da Idade do Ferro no território alto alentejano que vem sendo apresentada como tendo uma longa ocupação, desde momentos antigos da Idade do Ferro, estruturando o território ao longo do Iº milénio aC (Gamito, 1982, 1988). Todavia, as informações prestadas sobre o mesmo são manifestamente contraditórias com a informação disponível actualmente sobre as diversas realidades apontadas para a base da estratigrafia, como a cerâmica de grandes matrizes estampilhadas (Gamito, 1982, p. 72 e 74), impossíveis de enquadrar actualmente para o início da idade do Ferro. Efectivamente, uma revisão recente do conjunto disponíveis parece não poder retroceder a ocupação para além séc. IV aC<sup>1</sup>.

Para além de Vaiamonte, apenas podemos situar com clareza no séc. V a.C. a ocupação do Alto Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo), onde se detectou a presença de cerâmica ática, nomeadamente taças “Cástulo” (Gibson, Correia e Burgess, 1998). Os níveis de base do Castelão de Rio de Moínhos (Borba) entregaram um número elevado de cerâmica pintada, entre as quais várias policromas (Calado e Rocha, 1997), que poderão apontar para um momento antigo do séc. IV a.C. ou mesmo do séc. V a.C..

Em meados do séc. V a.C. parece desenrolar-se um novo processo de concentração populacional em povoados instalados em cerros destacados ou alcantilados rochosos, num verdadeiro encastelamento, que estará em grande medida concluído nos meados do século seguinte. Este processo, provavelmente resultante de uma acção de sinecismo, acabará por representar o abandono de grande parte das instalações em meio rural do espaço alentejano, iniciando um novo ciclo de estruturação do território, com características específicas, que se desenvolve, contudo, em plena continuidade, sem rupturas evidentes do panorama conhecido. Mas essa será já outra realidade, fora do âmbito deste

<sup>1</sup> Comunicação “O Castro de Segovia (Elvas-Portugal) Nova proposta de faseamento” apresentada por Patricia Bargão no âmbito do VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, dia 5 de Outubro 2012.

trabalho.

### **3. As Necrópoles rurais alto alentejanas**

#### **3.1 - A necrópole sidérica de Torre de Palma (Monforte)**

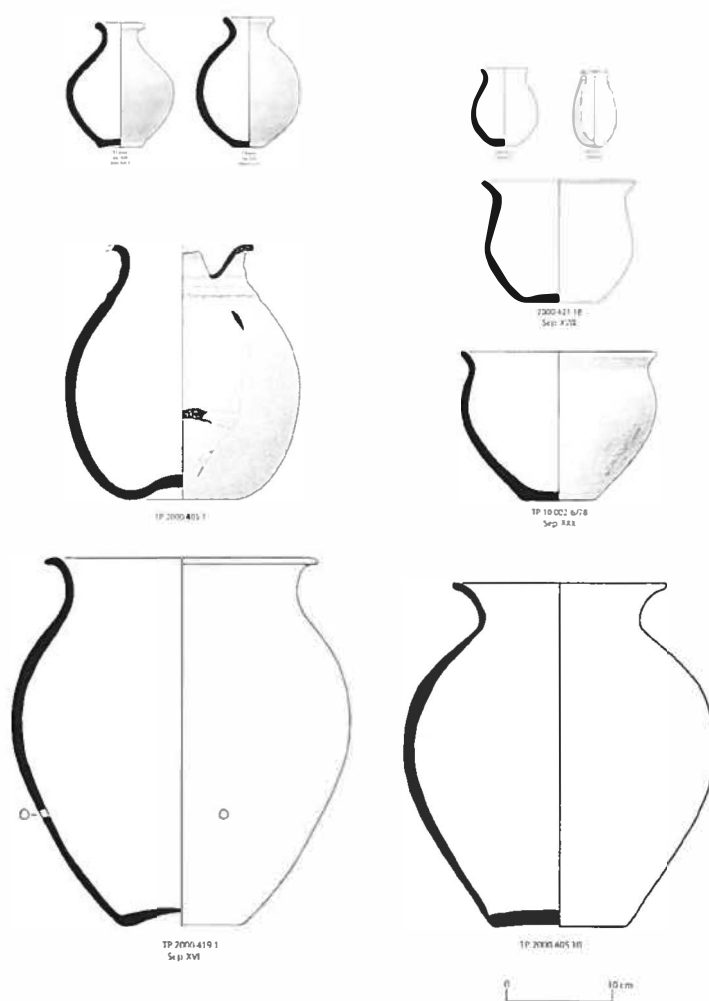
O sítio arqueológico de Torre de Palma implanta-se em pleno Alto Alentejo, no concelho de Monforte, freguesia de Vaiamonte, nas cabeceiras da bacia do Tejo, bem próximo do festo, situado escassos quilómetros a Nascente (v. Fig. 1).

A conhecida villa romana implanta-se na extremidade de um extenso patamar aberto a Sul, dominando a vastidão da paisagem alentejana que se abre de nascente a poente, ficando no limiar do horizonte, a Sul, o recortar da serra d’Ossa. Os vestígios romanos dispersam-se por duas lombas muito ligeiras, separadas por uma pequena linha de água: de um lado, o cemitério e as ermidas, do outro o complexo residencial e produtivo.

A necrópole da Idade do Ferro foi já apresentada anteriormente em dois trabalhos distintos (Langley, Mataloto e Boaventura, 2007; Mataloto, Langley e Boaventura, 2008), nos quais se procurou historiar a origem dos achados, durante os trabalhos de campo das equipas do Museu Nacional da Arqueologia, constatando-se a sua proveniência do designado “Cemitério ao pé das Ermidas”, na área mais setentrional da escavação, sob uma necrópole romana, e adjacente aos contextos funerários tardo-romanos e medievais, que se associam às basílicas paleocristãs e ermida medieval, assegurando uma longa tradição de enterramento no local.

Apesar do desconhecimento dos contextos efectivos de proveniência do conjunto de material sidérico, creio não subsistir dúvida sobre a sua origem sepulcral, certamente de uma necrópole de incineração, com deposição dos restos carbonizados no interior das urnas. Contudo, não se deve descartar outras formas de enterramento, caso das cremações *in situ* ou mesmo as inumações, em particular num período de reconhecida heterogeneidade ritual em todo o Sul peninsular (Jiménez Flores, 1996; Torres, 1999).

O conjunto cerâmico é composto, de momento, por três urnas, que se encontram em razoável estado de conservação e algo mais de uma dezena



**Fig. 2** Conjunto de urnas e unguentários de Torre de Palma (adapt. de Langley et al. 2007)

de taças, pratos e pequenos potes ou unguentários.

A cerâmica cinzenta proveniente do “Cemitério ao pé das Ermidas” resume-se a três formas distintas, potes, taças carenadas e tigelas de bordo simples ou espessado, distribuídas pelas duas produções (A e B) usualmente diferenciadas desde os trabalhos de Alcácer do Sal (Silva, Soares, Beirão, Dias e Coelho-Soares, 1980-81, p. 178). As diversas formas encontram-se bastante bem documentadas em todo o Sul peninsular, estando presentes nas tipologias disponíveis para a cerâmica cinzenta do Sul peninsular, ainda que as formas mais fechadas assumam algumas particularidades.

O conjunto dos três potes (v. Fig. 2), correspondentes muito provavelmente a três urnas para deposição dos restos incinerados, apresentam morfologias bem documentadas ao longo da primeira metade do I<sup>o</sup> milénio a.C., com paralelos directos

nas urnas de cerâmica cinzenta da necrópole de Medellín, em concreto nas suas formas D1 e 2 e afim de D5, enquadráveis dentro da Fase I e II de Medellín (Lorrio, 1988-89, p. 300, Lorrio, 2008, p. 701).

As formas abertas, de tipo taça carenada e tijela, são algo mais de uma dezena, das quais oito são de cerâmica cinzenta, de excelente qualidade de acabamento (v. Fig. 3). Enquanto as duas formas carenadas, produzidas a torno, parecem remeter para contextos mais precoces, possivelmente ainda dentro do séc. VII aC, já as formas simples, sem contradizer esta cronologia, são mais difíceis de enquadrar, estando amplamente documentada em todos os locais onde foi documentada a presença de cerâmica cinzenta, sendo muito frequentes até aos meados do milénio, ou mesmo mais tarde (Arzuda, 1999-2000, p. 198). O único prato carenado

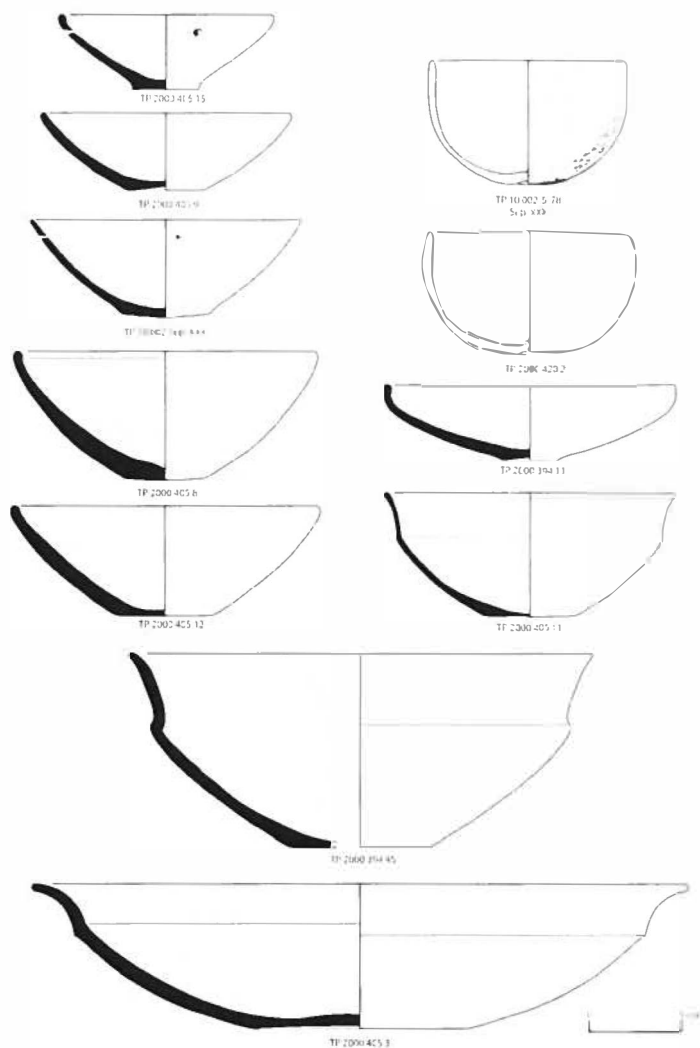


Fig. 3 Conjunto de taças e tijelas de Torre de Palma (adapt. de Langley et al. 2007)

apresenta uma forma pouco usual, sendo possível reconhecerem-se traços de grande proximidade com algumas produções em cerâmica cinzenta, ainda que neste caso corresponda a uma produção oxidante. Sendo uma forma pouco usual não é fácil de inserir nas tipologias conhecidas, ainda que o seu bordo exvasado, com uma carena alta, parece aproximar das produções mais conhecidas nos meados do milénio.

Não é claro que todas as formas abertas estivessem a cumprir a função de tampa de urnas, ainda que seja a utilização mais usualmente documentada, podendo algumas constituir recipientes de oferendas. Na necrópole de Medellín, os pratos de tipo A2A1 são principalmente utilizados como tampas das urnas, enquanto outras formas carenadas mais amplas são mais frequentemente utilizadas en-

quanto recipiente votivo e mais raras vezes mesmo como urnas (Lorrio, 1988-89, p. 293; Lorrio, 2008, p. 693).

Foi ainda registada a presença de duas pequenas taças, de produção manual, de grande qualidade, de forma hemisférica e fundo em ônfalo (v. Fig. 3). Estas formas não são, de todo, habituais nas necrópoles sidéricas conhecidas no sudoeste peninsular, representado a sua presença uma clara continuidade com as tradições locais.

Os dois pequenos potes de bordo estrangulado, que designamos de “garrafas”, deverão corresponder a recipientes de unguentos ou perfumes, que acompanham a deposição funerária (v. Fig. 2). Estas formas, ou outras afins, ainda que não sejam propriamente frequentes, encontram-se representadas em diversos contextos funerários do Sul peninsu-

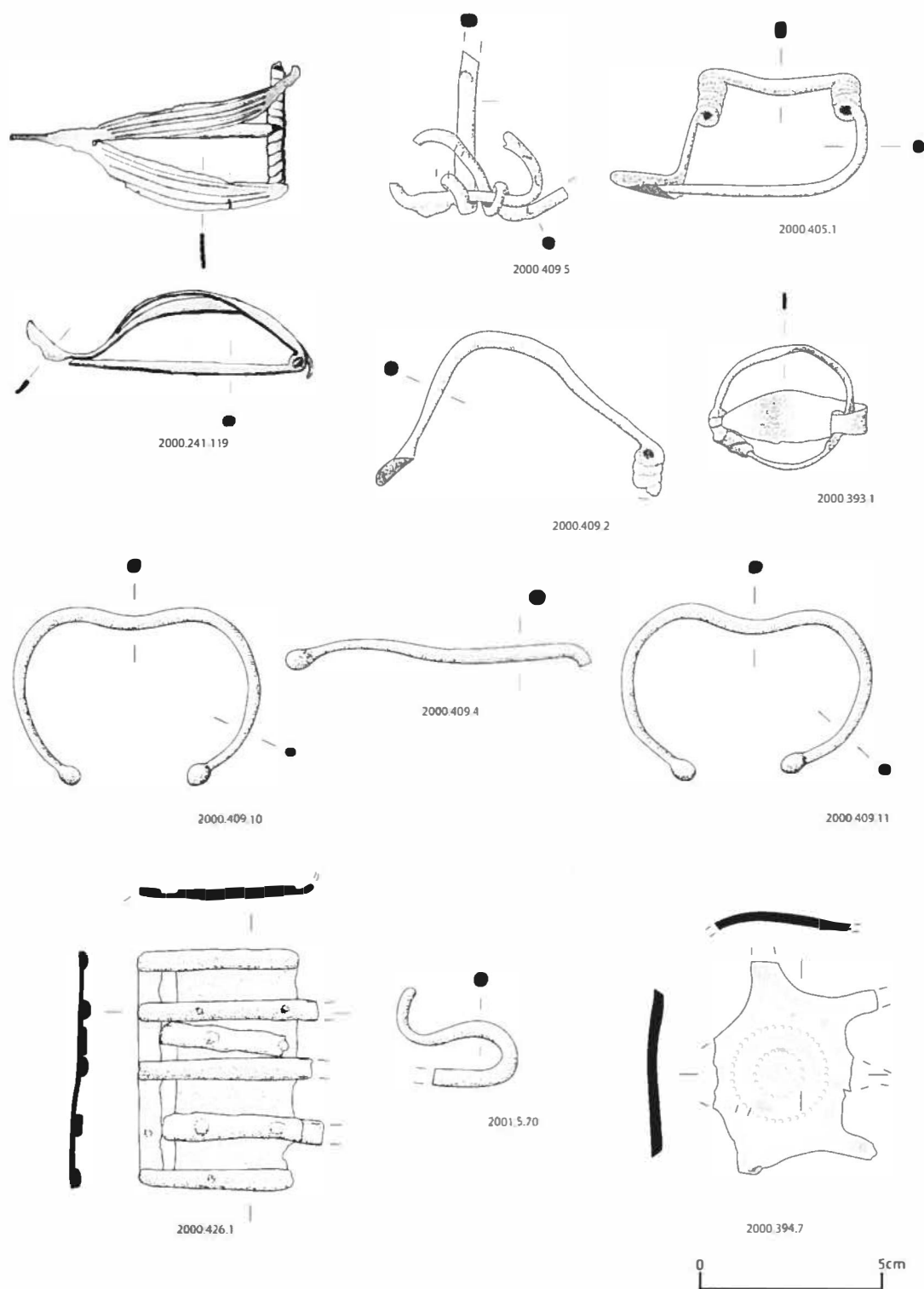


Fig. 4 Conjunto de adereços metálicos de Torre de Palma (adapt. de Langley et al. 2007)

lar, caso da necrópole do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal (Schüle, 1969, tf 92 e 94) ou na necrópole da Tera, em Pavia, como se verá. A par destes surgiram dois outros, de menor tamanho, os quais parecem reforçar esta leitura. Julgo relevante assinalar esta proximidade com as necrópoles citadas necrópoles, ao invés do que parece acontecer com Medellín, onde este tipo de recipientes está muito pouco documentado (Lorrio, 2008, p. 712)

O conjunto metálico é composto, essencialmente, por adereços pessoais e de vestuário, como fechos de cinturão, braceletes e fíbulas (v. Fig. 4).

O conjunto encontra-se bastante bem documentado em todo o Sul peninsular, em particular na necrópole de Alcácer, tendo vindo a ser amplamente documentado nos últimos anos em diversas necrópoles do Baixo Alentejo, principalmente na envolvente de Beringel<sup>2</sup>. Na região estremenha, estes conjuntos metálicos encontram-se igualmente bem documentados em contexto funerário, assumindo a necrópole de Medellín largo protagonismo, pelo extenso e detalhado estudo que lhe foi dedicado (Almagro, 2008).

Os fechos de cinturão de Torre de Palma integram-se nos ditos de tipo "tartéssico" e nos usualmente designados de "célticos"; de "escotaduras laterais" ou placa romboidal.

O exemplar de tipo "tartéssico" aproxima-se do designado Grupo 3 de Cerdeño (1981), enquadrando-se cronologicamente entre o séc. VII e boa parte do séc. VI a.C. (Cerdeño, 1981, p. 54), estando amplamente documentado em todo o Sul peninsular. O fecho de Torre de Palma parece ter sofrido alterações a modo de reforço, ou mesmo ter sido remodelado de macho para fêmea, não tendo sido possível registar outro exemplar semelhante.

O fecho de tipo "céltico" ou de placa romboidal de Torre de Palma enquadra-se em tipologias relativamente bem definidas, tratando-se do modelo mais extensamente documentado a nível peninsular, particularmente nos momentos mais avançados da produção, resultando as diversas tabelas

disponíveis de ajustes de pormenor (DIII3/DIII5 de Cerdeño; B3B3/B4B6 de Lorrio; B6 de Carratiermes, entre outras). Em termos cronológicos, parece ser relativamente consensual o arranque deste tipo de fechos a partir de meados/finais do séc. VI a.C., prolongando-se até meados/finais do séc. V a.C., para alguns autores (Cerdeño, 1978, p. 283; Parzinger, Sanz, 1986, p. 174), enquanto para outros se mantêm em utilização até momentos bastante mais tardios, nomeadamente finais do séc. IV ou inícios do séc. III a.C. (Schüle, 1969, p. 134; Argente, Diaz e Bescós, 2000, p. 109). Ainda que a Meseta Oriental, ou a região "celtibérica", constitua, ainda hoje, uma das regiões de maior concentração deste tipo de fechos de cinturão a nível peninsular, derivado, em grande medida, da própria tradição de investigação em contextos funerários sidéricos, dispõe-se actualmente de uma leitura bastante distinta da sua presença e expansão, claramente afastada de perspectivas etnicamente condicionadas, associando-se agora à tradição e disseminação das influências mediterrânicas (Jiménez Ávila, 2003).

Foram detectados em Torre de Palma dois braceletes "acorazonados" completos e parte de um terceiro, que foi objecto de distensão que lhe "corrigiu" a curvatura. Este tipo de braceletes estão hoje melhor documentados no território nacional, em particular se se atender aos achados recentes no Baixo Alentejo, apresentados no encontro mencionado anteriormente.

Em termos cronológicos estes braceletes parecem concentrar-se entre o séc. VII e VI a.C. (Jiménez Ávila, 2006, p. 95; González Prats, 2002, p. 335; Torres, 2008, p. 537). Em Medellín acompanham fechos de cinturão "tartéssicos", urnas do tipo 2, pratos das formas 1 e 3, braceletes e fíbulas de dupla mola (Lorrio, 1988-89, p. 295; López Ambite, 2008, p. 525), todos integráveis na Fase I, algures entre os meados do séc. VII e inícios do segundo quartel do séc. VI a.C. (Lorrio, 1988-89, p. 311), estando principalmente associados a enterramentos femininos.

No conjunto dos adereços metálicos de Torre de Palma existem pelo menos cinco fíbulas atribuíveis a momentos antigos do I<sup>o</sup> milénio a.C., a par de um extenso rol integrável em época tardo republicana e imperial.

<sup>2</sup> Refiro-me, essencialmente, a um conjunto de dados apresentados recentemente no encontro Sidereum Ana III, que decorreu em Mérida, entre 19 e 21 de Setembro de 2012, onde se apresentaram diversas sínteses sobre necrópoles como Vinha das Calças, Palhais, Cinco Réis ou Carlota.

Todas as fibulas registadas, apesar de algumas especificidades, integram-se dentro de tipos bem documentados em diversos contextos sidéricos do Sul peninsular, nomeadamente, uma vez mais, nas necrópoles de Alcácer e Medellín. Integram, usualmente, conjuntos funerários compostos pelos tipos cerâmicos e metálicos detectados em Torre de Palma.

Foram documentadas fibulas de tipo dupla mola, Acebuchal e anulares hispânicas, aparentemente de tipo antigo, permitindo enquadrar o conjunto recolhido entre meados/finais do séc. VII aC e o séc. V aC. (Langley, et. al., 2007, p. 261) (v. Fig. 4)

A ausência de registos impede qualquer considerando sobre a arquitectura da necrópole, sendo aparentemente irrefutável estarmos perante uma necrópole de incineração em *ustrinum*, com posterior deposição em urna dos restos cremados. A individualização, nos registos antigos, de enteramentos isoladas com materiais exclusivamente proto-históricos e sem urna (caso da Sepultura XVII, com um unguentário e uma taça hemisférica com ônfalo ou da sepultura XXX, que integra 5 recipientes e um fecho de cinturão), poderá indiciar a presença, eventual, de inumações, atendendo à ausência de vestígios de fogo nas peças. A convivência entre ambos os rituais encontra-se bem documentada em todo o Sul da península, não obstante, reconhecemos que no Ocidente peninsular a norma é a exclusividade ritual, ainda que com variações, como se depreende de necrópoles como Medellín (Almagro 2008) ou do Senhor dos Mártires (Fabião, 1998; Arruda, 1999-2000). Contudo, nos últimos anos, as necrópoles da região de Beja/Beringel têm vindo a alterar um pouco o panorama, surgindo, ainda que pontualmente, a convivência de ambos rituais em necrópoles como a Carlota<sup>3</sup> ou possivelmente Palhais (Santos et al., 2009, p. 757).

Se anteriormente quisemos antever um faseamento interno, baseado na realidade de Medellín, com a presença de enteramentos em urna numa primeira fase, a que se sucedia uma segunda, com incinerações *in situ*, de modo a explicarmos a ausência de urna, hoje entrevemos uma realidade

de distinta, quiçá mais complexa, na justa medida em que, a proximidade da necrópole da Tera, onde apenas documentámos, como se verá, cremações depositadas em urna, dificulta leituras lineares, em particular num território como o Alto Alentejo, onde a tradição de enterramento em urna se perpetuará, claramente, para a segunda metade do milénio em necrópoles como a da Herdade das Casas, Chaminé, etc.

Deste modo, creio que a necrópole de Torre de Palma, atendendo à cronologia provável dos elementos identificados, se deverá distender entre os finais do séc. VII a.C. e os inícios do séc. V a.C., não sendo improvável que ambos os extremos se aproximem, concentrando as deposições funerárias dentro do séc. VI a.C..

Os diversos adereços metálicos, essencialmente relacionados com a indumentária, deverão estar associados a um modelo, relativamente uniformizado, de exibição do posicionamento social, materializado na conjugação de adereços de amplo espectro de circulação, dado o seu registo nos diversos contextos regionais mencionados. Os dados recentemente obtidos na região de Beja parecem relacionar a presença de fechos de cinturão e braceletes “acorazonados” com indivíduos femininos<sup>4</sup>, ao invés das fibulas e armas, relacionados com elementos masculinos. No mesmo sentido parecem apontar os dados da necrópole de Medellín (López Ambite, 2008, p. 523) ou Cerrillo Blanco, em Jaén (Torrecillas, 1985, p.108). Este facto poderá estar, igualmente, relacionado com a circulação de mulheres entre os diversos grupos e a expansão de um tipo de indumentária relacionada com os contextos urbanos do litoral, que são lentamente disseminados e apreendidos pelas realidades do interior alentejano.

### 3.2 - Tera (Mora)

A necrópole da Tera situa-se nas proximidades de Pavia, não muito distante da Ribeira de Tera, implantando-se numa zona aplanada, bastante indiferenciada, em particular com o montado denso que

<sup>3</sup> Comunicação apresentada por Rosa Salvador e João Pereira dia 20 de Setembro de 2012, no encontro Sidereum Ana III, Mérida.

<sup>4</sup> Dados apresentados recentemente no encontro Sidereum Ana III, que decorreu em Mérida, entre 19 e 21 de Setembro de 2012, por Margarida Figueiredo, relativamente a um conjunto de necrópoles do Baixo Alentejo na região de Beringel e Pedrógão do Alentejo.

ainda hoje cobre a região (v. Fig. 5). No entanto, o caminho que passa sobre a necrópole parece integrar-se numa importante e antiga via de transitabilidade natural, deixando entrever velhas geodésias, difíceis de apreender actualmente.

Foi identificada por Manuel Calado em meados dos anos 90 e escavada inicialmente por Leonor Rocha, na sequência da intervenção no alinhamento menérico da Tera, no qual se registaram igualmente materiais sidéricos (Rocha, 2003).

A partir de 2006 iniciou-se um PNTA vocacionado para a escavação em profundidade da área até então intervencionada, que havia delimitado uma grande estrutura tumular, composta por pedras pequenas e médias, sobre a qual estavam acumulados os menires, estando alguns ainda integrados na mesma. Estamos em crer que o *cairn* pétreo documentado na necrópole da Tera deverá corresponder a cerca de metade do espaço de enterramento, que se prolongaria para Nascente, sob o caminho actual.

Durante os trabalhos não se obtiveram dados concludentes sobre a associação dos menires à necrópole. Contudo, cremos que alguns indícios parecem apontar para que os mesmos tenham sido erigidos durante a formação da necrópole. Um deles, relativamente pequeno, tinha ainda a base *in situ*, apesar de estar tombado e partido, estando localizado na margem da área tumular, e não integrado nela. O facto de não apresentar qualquer estrutura de apoio, isto é, um alvéolo estruturado de implantação, deixa margem para que o mesmo tenha acontecido com os restantes, e daí não termos registado claramente uma estrutura de implantação dos mesmos. Por outro lado, um deles encontrava-se integrado na construção de uma estrutura de planta quadrangular, aberta a sudoeste, que poderá ter desempenhado funções específicas. Não ficou claro, também, se os menires poderão ser anteriores à carapaça pétreia que parece cobrir toda a área da necrópole, num último momento, ainda que o aparente reaproveitamento de alguns na mesma deixe esta possibilidade.

O desmonte progressivo da carapaça tumular permitiu a identificação de diversas outras estruturas subjacentes, que pareciam enquadrar várias

deposições funerárias, ou mesmo nenhuma. Estas eram essencialmente de dois tipos, de planta rectangular ou cistas.

O ritual funerário utilizado foi a cremação em *ustrinum*, com a recolção cuidada dos restos cremados, que se encontram em estudo pelo Doutor David Gonçalves, responsável pela escavação antropológica dos mesmos no interior das urnas. A área de *ustrinum* não foi claramente identificada, contudo, uma estrutura de planta rectangular, que integrava um menir e se sobrepunha a uma ampla área com um denso estrato de terras muito negras e compactas, localizada na margem sudoeste da necrópole, poderia ter desempenhado essa função (v. Fig. 7).

Os enterramentos são principalmente em urna, posteriormente depositada num pequeno covacho, sendo com frequência estruturada por blocos pétreos, que a envolviam, sobrepondo, por vezes, o espólio funerário. Em diversos casos era claro que parte das cinzas e dos restos cremados se depositavam no exterior da urna, dentro do covacho onde aquela era depositada. Em contadas situações registou-se a presença de várias urnas depositadas em conjunto (v. Fig. 7, ent. 21 a 25), ainda que a norma seja estarem isoladas, em covacho único. Creio que será de mencionar, ainda, a deposição de uma urna dentro de uma das duas cistas identificadas. Na margem sudeste da necrópole registou-se a presença do que parecia ser a deposição de restos de cremações directamente em covachos (v. Fig. 7). Todavia, a dimensão milimétrica dos restos ósseos e cerâmicos, associados a terras muito negras, argilosas e compactas, distintas de todas as registadas nas restantes cremações, permite que se considerem outras hipóteses, como a amortização de terras provenientes da limpeza do *ustrinum*, mas não o próprio *ustrinum*, dada a reduzida dimensão dos covachos.

Os enterramentos apresentam uma clara concentração numa zona relativamente central do *cairn*, entre duas das estruturas tumulares identificadas sob aquele. A análise do conjunto encontra-se numa fase ainda muito inicial, faltando a escavação e restauro de uma parte importante das urnas, sendo ainda bastante complexo procurar tendências de



**Fig. 5** Perspectiva geral da necrópole da Tera em 2006, antes do desmonte da estrutura tumular. Atente-se na paisagem envolvente bastante indiferenciada.

crescimento e expansão da necrópole (v. Fig. 7).

No total foram registadas 39 deposições possivelmente funerárias, das quais apenas uma parte foi confirmada. Antes da nossa intervenção registaram-se 3 possíveis enterramentos (Rocha, 2003, p. 124), dos quais assumimos com segurança 2. No designado enterramento 1 registou-se a presença de duas urnas, ambas com ossos cremados, que se equacionou tratar-se do mesmo enterramento (Rocha, 2003b, p. 149). Todavia, dada a natureza muito fragmentária dos restos humanos, devemos manter sob reserva esta possibilidade, até termos dados mais concludentes dos restantes enterramentos que, até ao momento, não parecem apontar neste sentido. Além destes, os dados fornecidos pela investigadora anterior no relatório de 2003 registam 9 outras ocorrências de ossos humanos, identificados como enterramentos, os quais não foi possível, com os dados disponíveis, confrontar com os resultados das nossas intervenções.

Deste modo, não é ainda possível assegurar um número exacto de enterramentos para a área escavada da necrópole, contudo, deverão situar-se entre 3 e 4 dezenas.

As urnas já devidamente escavadas são, em geral, recipientes de média dimensão, de bordo exvertido, com colo curto, produzidas a torno. Alguns dos exemplares apresentam-se em cerâmica cinzenta, seguindo morfologias conhecidas em contextos funerários como Medellín (Lorrio, 2008) ou Torre de Palma, como se viu acima.

O espólio que acompanha as deposições raras

vezes é extenso, sendo composto em vários casos apenas por pratos, a modo de tampa, e pequenos recipientes, do tipo unguentário, por vezes bicónicos, depositados junto da mesma (v. Fig. 6). Foram documentados dois unguentários em cerâmica, depositados dentro da urna [278], acompanhados por dois anéis em prata (v. Fig. 8), que comentaremos abaixo. Os unguentários eram de tipo *alabastron* que se assemelham, tal como o documentado na necrópole de Medellín (Lorrio, 2008, p. 712), aos conhecidos em alabastro. Este último exemplar parece enquadrar-se, na necrópole extremenha, algures pelos finais do séc. VII aC (Lorrio, 2008, p. 712).

Os dois anéis recolhidos na urna [278] aparentam ser em prata, a par de uma provável “bolota”, em idêntico metal. Um deles apresenta-se como um aro simples, ao invés do outro, ornado com engaste central, perdido, apoiado em quatro pequenas volutas (v. Fig. 8). Este anel assume algumas semelhanças com um exemplar identificado na designada necrópole da Favela Nova, em Ourique, enquadrado entre meados do séc. VI aC e meados do seguinte (Dias e Coelho, 1983, p. 204).

No interior das urnas, e por vezes na sua envolvente, tem vindo a registar-se, para além dos elementos já referidos, diversas fíbulas do tipo Alcores, raras contas de colar, um pequeno bracelete “acorazonado” e, num caso, uma lâmina em ferro dobrada e uma faca afalcatada. As armas, nomeadamente um ponta de lança e o seu conto, apenas surgem documentadas numa sepultura, depositadas ao lado da urna, conjuntamente com um fe-

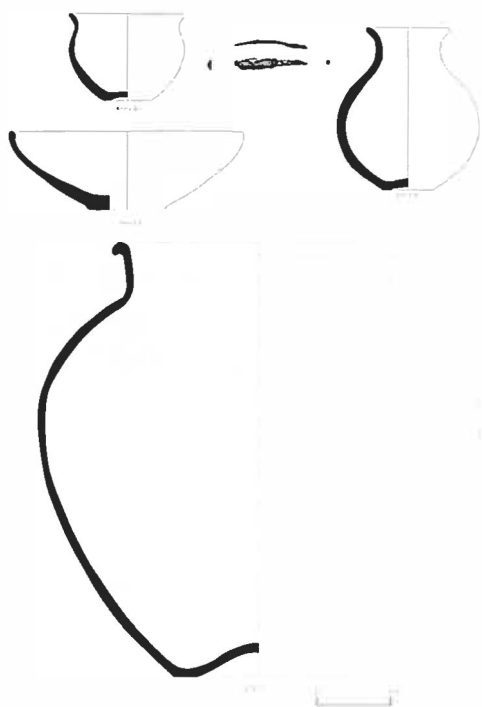
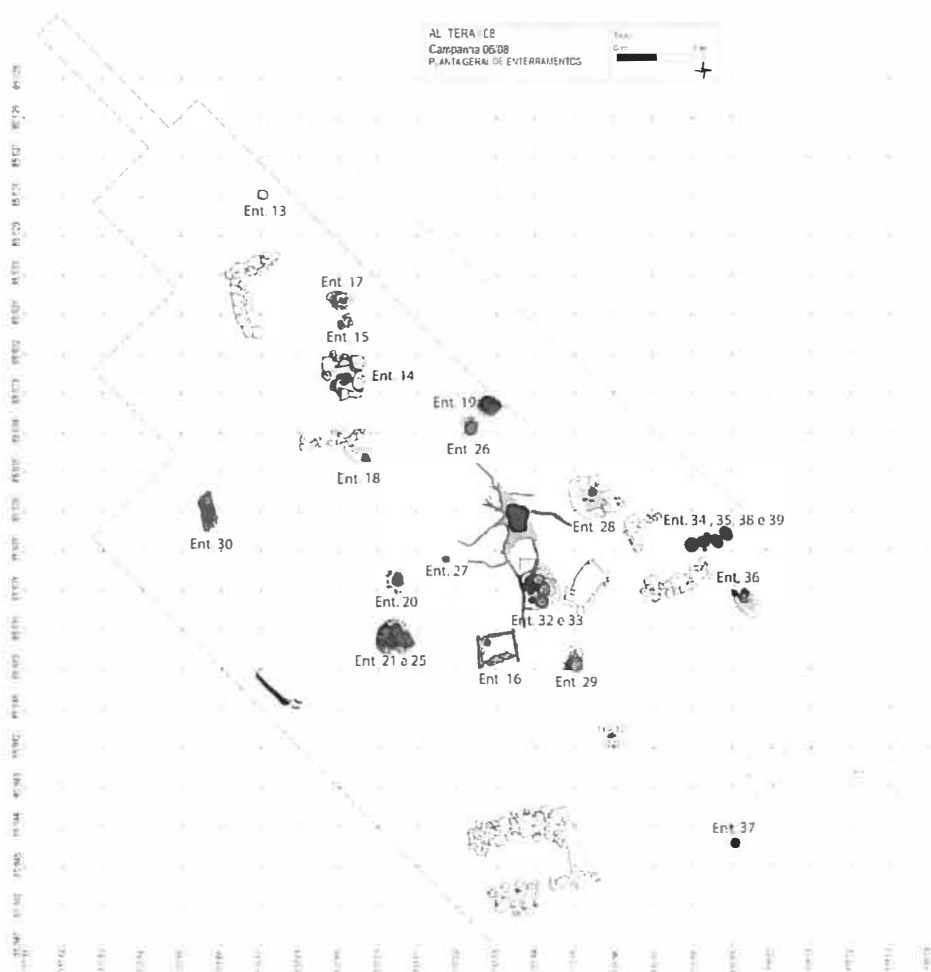


Fig. 6 Espólio do enteramento [14] da necrópole da Tera.

Fig. 7 Planta geral de enteramentos da necrópole da Tera.



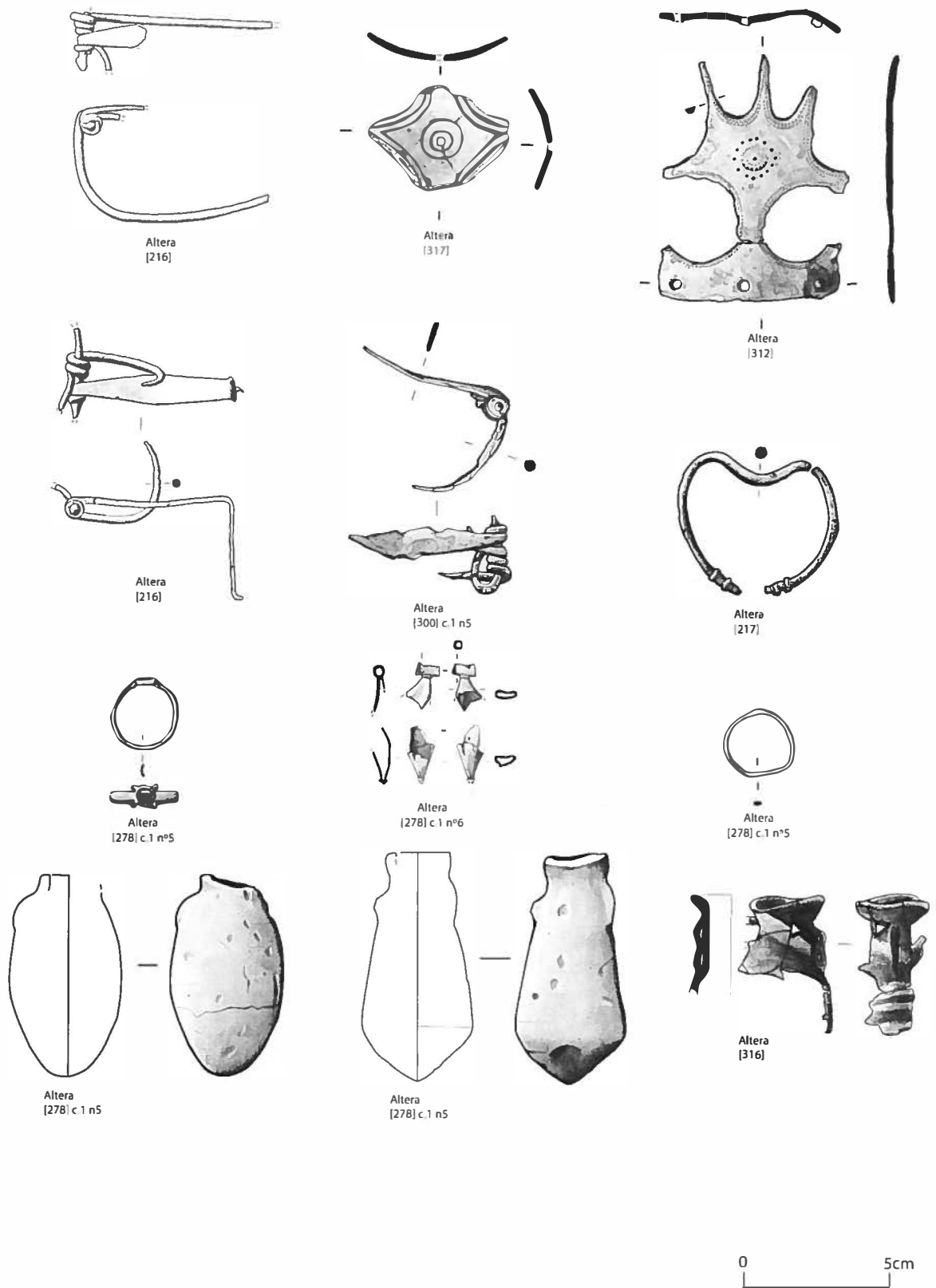


Fig. 8 Conjunto de espólio metálico e vitreo da necrópole da Tera.

cho de cinturão de placa romboidal de 3 garfos, do mesmo tipo que o documentado em Torre de Palma, mencionado acima (DIII3/DIII5 de Cerdeño; B3B3/B4B6 de Lorrio; B6 de Carratiermes) (Fig. 8, [312]). Para além deste registou-se a presença de outro fecho de cinturão de placa romboidal, mas de um só garfo, do tipo CII ou CIII de Cerdeño, B1D1 de Lorrio ou B2a de Carratiermes (v. Fig. [317]), a que devíamos acrescentar parte de dois outros, de tipo indeterminado, mas que deverão integrar-se nos tipos já registados.

Estes elementos de cinturão assinalam, claramente, tal como as fíbulas, a introdução e uso de nova indumentária durante os séculos VI e V aC na região, atendendo às cronologias propostas, podendo manter-se até momentos posteriores na região celtibérica (Jiménez Ávila, 2003, p.31; Argente, Díaz, Bescós, 2000, p. 108; Lorrio, 1997, p. 222). No sudoeste peninsular o seu uso decaiu posteriormente, indiciando novas regras de indumentária, desaparecendo por completo do registo funerário durante os séculos IV e III aC, como se deduz dos dados disponíveis para necrópoles como as da Chaminé (Fabião, 1998) ou da Herdade das Casas (Calado e Mataloto, 2001).

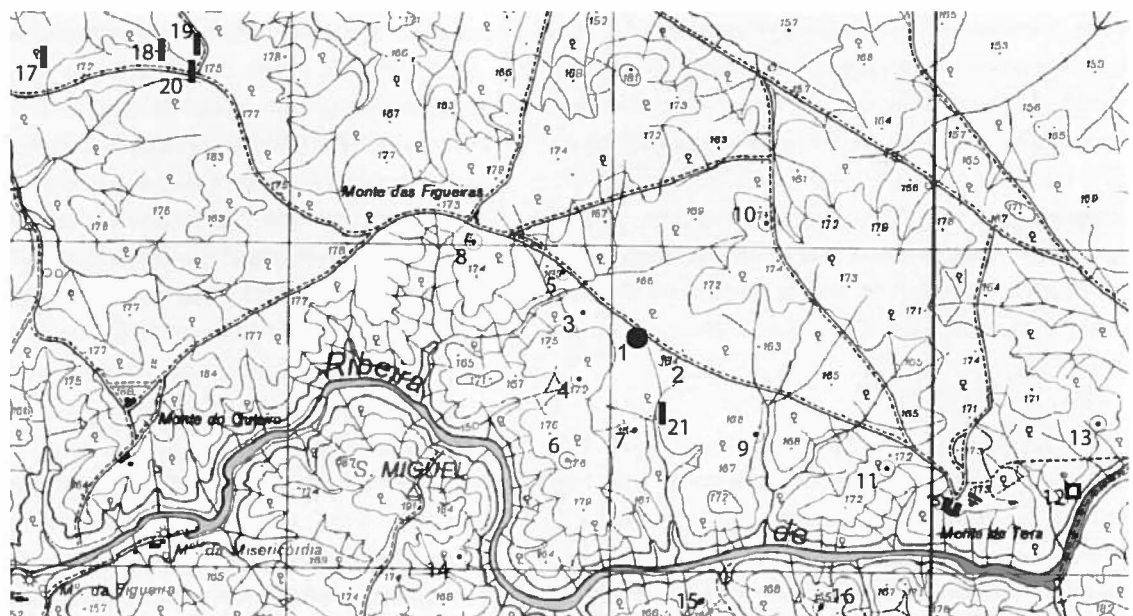
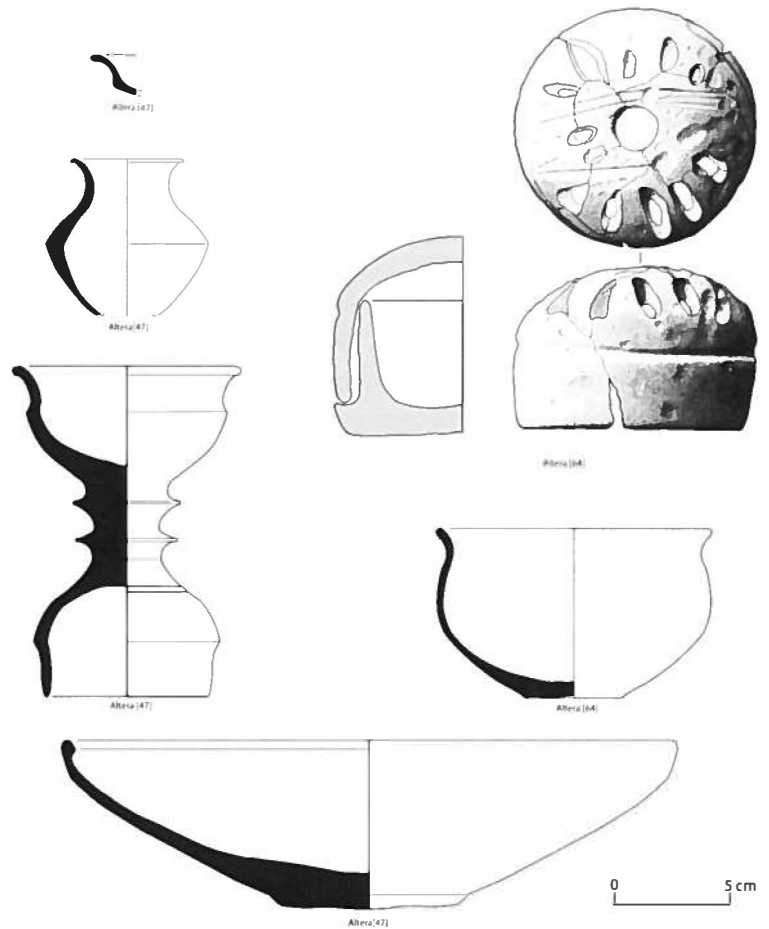
Dentro da urna [217] recolheu-se o único exemplar de bracelete da necrópole (v. Fig. 8). Este apresenta a forma típica dos braceletes “acorazonados”, com clara inflexão central, afastando-se, contudo, dos mais usuais com as extremidades em botão esférico, como os já mencionados de Torre de Palma. Ao invés destes, as extremidades são afiladas, mas antecedidas de duas molduras ou espessamentos sequenciais, em cada extremidade. A presença desta peça vem reforçar a cronologia do séc. VI aC, na justa medida em que estas peças não parecem chegar ao séc. V aC, dada a sua ausência em sítios como Cancho Roano onde, apesar de tudo, se conhecem diversos braceletes (Jiménez Ávila, 2006, p. 95).

O espólio metálico completa-se com as já citadas fíbulas, algumas das quais bastante mal conservadas (v. Fig. 8). Três delas foram identificadas no interior de urnas, aquando da escavação dos restos cremados, duas das quais dentro da mesma urna, [216]. Estas três, apesar de bastante deterioradas,

devem corresponder ao tipo Alcores, que conhece uma distribuição principalmente centrada no Sul peninsular, estando registados menos de três dezenas de exemplares. Em geral, este tipo de fibula apresenta uma cronologia que se desenvolve essencialmente entre os séc. VII e finais do séc. VI aC, podendo chegar, todavia, ao V aC. (Ruiz Delgado, 1989, p. 133; Jiménez Ávila, 2002, p. 312), ainda que Salete da Ponte, que as classifica dentro do seu tipo 8, assumia cronologias mais antigas (Ponte, 2006, p. 133 e 426), que cremos manifestamente exageradas. O facto de surgirem em contextos de meados do séc. V aC, como por exemplo em Cancho Roano, é explicado por alguns autores como resultante de um depósito fundacional relacionado com a amortização de jóias e materiais mais antigos (Celestino, Zulueta, 2003, p. 43). Os exemplares da Tera surgiram numa área central da escavação, sem estar associados a quaisquer outros elementos datantes, nomeadamente aqueles que parecem remeter a utilização da necrópole para momentos dentro do séc. V aC. A presença deste tipo de fibula no território actualmente português é relativamente escassa, sendo interessante realçar o exemplar da Horta das Pinas (Elvas) (Ponte, 2006, p. 426), recolhido no contexto da necrópole romana, mas que deverá indiciar, tal como em Torre Palma, a presença de uma necrópole sidérica subjacente.

Uma outra fibula, bastante degradada, deverá corresponder ao tipo Acebuchal ou Bencarrón, se atendermos ao arco ligeiramente curvo com decoração de linhas estriadas longitudinais (v. Fig. 6), não permitindo a ausência do pé e das molas a atribuição a qualquer dos tipos; todavia, a semelhança do arco com exemplares dos tipos citados, de que destaco pela proximidade um de Alcácer (Ponte, 1985b, p. 144) autoriza, cremos, enquadrar este exemplar, com alguma segurança, nas fíbulas de mola bilateral. Uma vez mais trata-se de um tipo de fíbulas relativamente pouco documentadas em território nacional (Ponte, 2006, p. 143 e 152); contudo, trabalhos recentes na região de Beja têm permitido alargar bastante o número conhecido, numa região onde, aliás, já se havia registado, há muito, o exemplar de Quintos, publicado por Abel Viana (Viana, 1945). Este tipo de fíbulas de mola bilateral apresen-

**Fig. 9** Conjunto proveniente de deposições aparentemente não funerárias, [64] e 47].



**Fig. 10** Localização da necrópole da Tera no contexto dos monumentos megalíticos na sua envolvente (círculos – sepulchros; rectângulos- menires; quadrado- povoado sidérico). 1- Necrópole da Tera 2- Alinhamento da Tera 3- Monte das Figueiras 4- Tera 2 5- Tera 5 6- Monte das Figueiras 2 7- Tera 1 8- Casasão das Figueiras 9- Tera 10 10- Tera 11 11- Tera 12 12- Tera 9 13- Tera 5 14- Remendo 1 15- Remendo 2 16- Remendo 3 17- Vale d’El Rei 18- Tera 14 19- Tera 3 20- Tera 14 21- Tera 15 e 16. (adaptado a partir de Calado, Rocha e Alvim, 2012).

ta uma cronologia em boa medida semelhante às anteriores, desenvolvendo-se essencialmente entre meados do séc. VII aC e finais do século seguinte (Ruiz Delgado, 1989, p. 148 e 159, respectivamente). A investigadora que iniciou os trabalhos na necrópole aponta a existência de duas outras fíbulas, que não classificou ou publicou, limitando as leituras possíveis (Rocha, 2003, p. 127).

De clara origem forânea sobressai a presença de um ânforisco em vidro policromo, do Grupo Mediterrâneo I, forma 2 de Harden (1981) (v. Fig. 8 [316]), para além de algumas contas de colar azul turquesa com oclusões a azul e branco, que assinalam de forma clara a integração destas populações nos circuitos de distribuição regional destas peças de larga circulação. Usualmente, estas importações apresentam uma cronologia centrada dentro do séc. V aC, (Jiménez Ávila, 1999, p. 149), sendo justamente a escassez de contas de colar um dos elementos característicos, segundo este autor, desta cronologia, na justa medida que, em cronologias imediatamente posteriores, as mesmas tornam-se muito mais abundantes, como podemos verificar na região em necrópoles como a Herdade das Casas, com várias dezenas delas. Na necrópole de Medellín, onde estas estão igualmente pouco documentadas, com apenas 2 exemplares semelhantes aos da Tera, encontram-se associadas a conjuntos com cronologias centradas em torno dos finais do séc. VI e inícios do séc. V aC (Almagro-Gorbea, 2008, p. 397). Na Tera, o recipiente de vidro policromo, ao surgir na unidade [316], o preenchimento de um dos covachos situados na margem sudeste da mesma, deixa poucas indicações de fundo cronológico ao não estar associado a qualquer outro espólio, ou conjunto ósseo.

Em território alentejano os recipientes em vidro policromo são pouco frequentes como, aliás, em todo o Sul do território actualmente português, devendo o exemplar da Tera ter chegado nos mesmos circuitos que distribuíram, a partir do litoral, os recipientes conhecidos em Vaiamonte (Fabião, 2001), Alto do Castelinho da Serra ou mesmo Malhada das Taliscas (Calado, Mataloto e Rocha, 2007).

Perante o conjunto de dados disponíveis creio que a necrópole da Tera se deverá ter desenvolvi-

do entre meados do séc. VI aC e meados do século seguinte.

O espaço da necrópole deveria apresentar uma dinâmica própria, à margem dos ritmos sepulcrais, constituindo-se como área de veneração dos ancestrais, onde se encenariam homenagens e aparentemente libações, enquadradas pela presença dos antepassados eventualmente transfigurada nos monólitos, todos eles oblongos e toscos. A identificação de um aparente incensário, [64] e de vários cálices (v. Fig. 9), [47]<sup>5</sup>, dissociados das deposições funerárias, parece apontar para uma utilização do espaço sepulcral para além dos ritos fúnebres em si.

A veneração dos ancestrais e a construção de memória é, obviamente, indissociável dos espaços sepulcrais; todavia, na necrópole da Tera este factor assume um cariz exponencial, desde logo pela sua localização, movendo-se por claro sentido identitário a construção de uma memória legitimadora da posse de um dado território.

Infelizmente, não ficou de modo algum clara a cronologia atribuível aos menires. Estes foram, com alguma certeza, integrados no monumento funerário, todavia, poderiam ser de origem bem anterior, tendo-se registado escassos indícios de uma ocupação dentro do Neolítico Antigo/Médio.

Deste modo, sendo os menires anteriores ou não, a localização da necrópole da Tera assumiu uma centralidade total face a um conjunto de pré-existências que justificam a sua localização (v. Fig. 10). A curta distância encontram-se vários monumentos megalíticos, de dimensão e tipologia distinta; estes não passaram certamente despercebidos das populações sidéricas, como foi possível verificar numa pequena intervenção levada a efeito por Leonor Rocha na designada Anta do Monte das Figueiras (Rocha, 2012, p.119).

A paisagem ancestral foi claramente integrada nos novos discursos que, cremos, teriam por fim último criar um sentido identitário e legitimador da presença destas populações, que pretendiam lan-

<sup>5</sup> No entanto, relativamente a [47], não é impossível que estivesse associado a um enterramento removido pela equipa anterior, já uma zona imediatamente adjacente se encontrava uma depressão tapada com geotêxtil. Todavia, como não nos foi possível averiguar com exactidão a localização daqueles, mantemos a possibilidade, segura noutras ocasiões.

çar fundo no tempo a sua conexão com o território.

A necrópole da Tera, ainda que seja um monumento aparentemente erguido em meados do 1º milénio aC, parece afastar-se de todas as poucas necrópoles conhecidas até ao momento no sudoeste peninsular, enveredando pela edificação de uma estrutura de claro fundo megalítico. O gesto de emulação de ancestrais construções, associadas agora a um recinto funerário, assinalaria o conhecimento dos antigos monumentos, erguidos a escassos quilómetros de distância, caso dos cromeleques de Vale d'El Rei ou Figueiras (Calado, 2004). Por outro lado, a sua implantação adjacente a diversas antas e a uma mamoa, ainda hoje particularmente bem preservada, situadas num raio aproximado de 100m, permite subentender uma clara vontade de associação a um contexto de forte cariz identitário, que poderia ser facilmente lido como um acto legitimador da posse e exploração da terra e como elemento de coesão do grupo, num momento de grande pressão demográfica. Por outro lado, a simples emulação e associação a uma paisagem onde a espessura do tempo se encontra bem vincada poderia ser desenvolvido como elemento de coesão interna do grupo, independentemente de questões relacionadas com a exploração do território.

Este caso acaba por constituir-se como a sùmula do processo pós-megalítico, verificando a necessidade não só de reutilizar os monumentos precedentes (o que parece também ter efectivamente aqui acontecido nas suas imediações), mas igualmente de construir um monumento que evidenciasse as mesmas raízes ancestrais, adjacente a antigos espaços sepulcrais, compondo um conjunto cénico e identitário de raro cariz transgeracional, onde o sentido funerário parece ter sido recuperado como elemento de coesão grupal, ao depositarem-se as urnas cinerárias sob um mesmo *tumulus*, tal como acontecia em época pré-histórica.

### 3.3 - Hortinha 1 (Évora)

As construções megalíticas permanecem na paisagem alentejana através de sucessivas acções de rememoração, sendo pouco provável que tenham alguma vez sido totalmente esquecidas e ignoradas pelas sociedades posteriores, todas elas com forte pendor camponês, que utilizaram, viveram e

conceptualizaram a realidade geográfica alentejana, transformando-a numa Paisagem fortemente identitária.

Não tenhamos, contudo, uma noção meramente atávica do modo como as realidades megalíticas foram sendo integradas nos discursos sociais e na construção da memória, sendo com alguma certeza, apesar dos escassos dados disponíveis, elementos dinâmicos nas novas construções sociais e identitárias, integrando e absorvendo novas cosmogonias, consoante a realidade sociológica emergente. Todavia, desde cedo parecem ser marcos da espessura do tempo, assinalando, como se viu, os ancestrais, verdadeiros *axis mundi* que acompanhavam transversalmente a *temporalidade* da paisagem (Ingold, 1993), ajudando a construir novas geodias in-

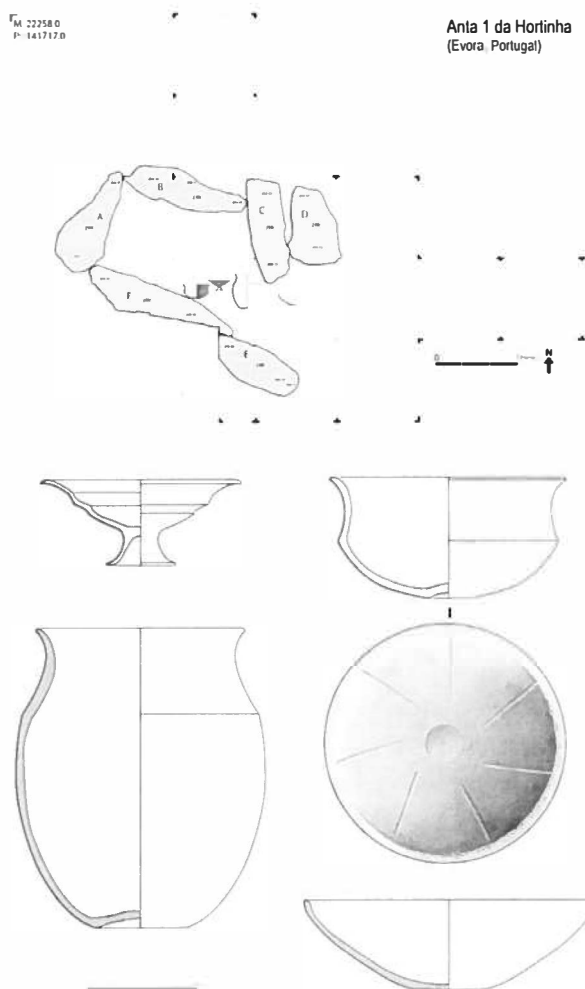


Fig. 11 Planta e espólio sidérico da anta da Hortinha 1 (adaptado de Rocha, 2007 e Calado, Santos e Carvalho, 2007-2008).

individuais e de grupo. Raras vezes devem ter sido elementos inócuos, perdidos nas paisagens, assumindo-se múltiplas vezes como palcos cerimoniais de ritos e cultos diversos, bem distantes, por vezes, das realidades inaugurais.

Neste mesmo sentido aponta a deposição sepulcral da Hortinha 1 (Rocha, 2007; Calado, Santos e Carvalho, 2007-2008). A intervenção, coordenada por Manuel Calado e Leonor Rocha, documentou uma sepultura de incineração associada a um pequeno monumento proto-megalítico, bastante discreto na paisagem.

A anta da Hortinha 1 trata-se de uma pequena sepultura megalítica, de 5 esteios (v. Fig. 11), localizada na zona Sul do concelho de Évora, na margem da Serra de Portel, implantando-se numa paisagem bastante ondulada, marcada por imponentes afloramentos graníticos.

Na pequena área intervencionada foi registada apenas uma sepultura da Idade do Ferro, o que não invalida estarmos na presença de uma necrópole bem maior, dada a exiguidade da área intervencionada. A deposição em urna era acompanhada por três outros recipientes: uma taça de pé em engobe vermelho, de produção aparentemente regional, uma taça manual de carena média e fundo em ônfalo e, ligeiramente afastada para nascente, uma taça simples (v. Fig. 11).

Aqui, a deposição dos restos funerários sidéricos, em urna, parece fazer-se em total respeito com o monumento pré-existente, na justa medida em que se procedeu apenas ao afastamento de um dos esteios que fechava a câmara funerária pré-histórica do lado nascente, preservando-se a integridade desta, num gesto que se pode tomar, claramente, como de respeito pelo espaço ancestral, sem deixar de se associar à sua memória.

A cronologia do enterramento não é clara, todavia, a presença da taça de pé, com corpo bastante moldurado, remete para as produções tardias de taças engobe vermelho conhecidas principalmente no litoral, em sítios como Almaraz, onde se documentou igualmente uma taça de pé (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p.180) ou Abul B (Mayet e Silva, 2000), remetendo para contextos dentro do séc. V aC. Na necrópole de Medellín registou-se

a presença de uma taça de pé alto, designada de “copa fenícia” pintada em bandas, integrada no último quartel do séc. VI aC (Almagro-Gorbea, 2008, p. 623), eventual protótipo inspirador das taças de pé alto em cerâmica cinzenta, do tipo C, enquadráveis igualmente nos finais do séc. VI e primeira metade do séc. V aC (Lorrio, 2008, p. 699). A presença de uma taça carenada com pé, de verniz vermelho “Ibero-turdetano”, na necrópole de “El Romazal” (Hernández e Galán, 1996, p. 74) remete igualmente para contextos avançados, já dentro do séc. IV aC.

Ataça carenada, de produção manual e superfícies negras polidas, com decoração radial a partir do fundo, surge de mais difícil enquadramento. Se por um lado facilmente se enquadraria nas produções cinzentas, típicas de um período recuado da Idade do Ferro, onde se conhecem algumas formas afins na designada “cerâmica gris orientalizante” (forma 6, Caro Bellido, 1989, p. 65), por outro, é uma forma manual, impondo outras leituras. As formas de produção manual em meados do 1º milénio aC na região parecem concentrar-se em produções de cariz utilitário, como fica patente nos sítios da Herdade da Sapatoa (Mataloto, 2004 e 2007). Assim, esta peça poderá estar a remeter, eventualmente, para realidades mais setentrionais, a que não seria alheia a decoração radial a partir do fundo, com evidentes semelhanças na forma 3 da necrópole de Las Guijas (Fernández Gómez, 1997, p. 103), mas igualmente em outras necrópoles da área vetónica (Alvarez Sanchis, 1999).

Em todo o caso, o conjunto cerâmico da Hortinha 1 apresenta notáveis semelhanças com espólio da sepultura documentada nas imediações da Pedra do Ouro, em Alenquer (Schubart, 1971, p. 161), enquadrada num momento tardio da Idade do Bronze, mas que deverá, sem grandes dúvidas, pertencer a um momento de meados do 1º milénio aC.

Deste modo, cremos que o enterramento da Hortinha se deve enquadrar em torno ao séc. V aC assumindo, contudo, um cariz peculiar e de difícil enquadramento, ainda que inserido numa tradição local de reuso dos antigos espaços megalíticos. A sua cronologia avançada, associada a um conjunto cerâmico com marcada individualidade regional poderá estar a indicar a chegada de pequenos gru-

pos humanos à região, que procuram legitimar a posse e uso do território através da associação a marcos de ancestralidade, como se referiu acima para o caso da necrópole da Tera. Apesar da incerteza existente, é possível entender-se este enterramento como único, o fundador, eventualmente o elemento que liderou a chegada de um pequeno grupo a um novo território, pelo que acabou por se sepultar junto dos ancestrais, legitimando e estreitando as ligações a este.

#### **4 - Sociedades rurais: entre o conservadorismo e a mudança.**

Em trabalho recente caracterizámos as elites dominantes dos finais da Idade do Bronze como os Senhores das Serras (Mataloto, 2012), os quais seriam determinantes na coesão dos grupos, assumindo a sua condição através de relevantes panóplias guerreiras e impressionantes conjuntos áureos, provavelmente ostentados pelas suas mulheres, que partilhariam uma linguagem simbólico-identitária que os integraria em amplas redes de elites solidárias.

Todavia, o modelo social que lhes estava subjacente haveria de entrar em profunda desagregação a partir, provavelmente, dos inícios do séc. VIII a.C., coincidindo com o desmantelamento das redes de povoamento a que se encontravam associadas.

O processo social tendente à complexificação e hierarquização pode efectivamente conter momentos conjuntamente regressivos na sua progressão, não tendo que ser total e objectivamente linear e cumulativo (Démoule, 1999; Thurston, 2010), nem um fim inexoravelmente irrefutável. Como nos diz este mesmo autor (Démoule, 1999, p. 130), geralmente após o desmantelamento de um poder político forte é a solidariedade familiar que emerge como elemento central e estruturador da sociedade.

Assim, creio que o momento subsequente ao desmantelamento total das malhas de povoamento do final da Idade do Bronze será marcado por uma nova realidade social, caracterizada por novas formas de entrosamento e integração das comunidades humanas, onde a diferenciação social seria bem menos evidente, e onde a unidade familiar sairia reforçada, como base da estruturação social. No território do interior alto alentejano parece arrancar

com a Idade do Ferro uma profunda reorganização da sociedade, marcada por um momento inicial de relativa isonomia, ao menos no campo, sobre a qual se irá constituir uma nova realidade social que se irá complexificar rapidamente nos séculos seguintes.

Este novo paradigma humano e social parece assentar na exploração rural do território por pequenos grupos de raiz familiar, sem que até ao momento possamos ter encontrado grandes unidades populacionais geradoras de novas centralidades.

A exploração do território assentaria, então, na instalação de uma rede diferenciada e coordenada de ocupações rurais, do tipo “monte”, composta por unidades produtivo-habitacionais, que poderiam oscilar entre as escassas dezenas e mais de um milhão de metros quadrados de área edificada (Calado, Mataloto e Rocha, 2007; Calado e Mataloto, 2008; Mataloto, 2004; Mataloto, 2007; Mataloto, 2008). A nível social, surge-nos relativamente simples assumir, num momento avançado, tal como para outras áreas peninsulares, a presença de grandes senhores terra tenentes, verdadeiros Senhores do Campo (Rodríguez Díaz, 2009; Mataloto, Langley e Boaventura, 2008, p. 297), a par dos quais existiria um grupo de pequenos proprietários rurais e uma enorme massa de camponeses. Por outro lado, na margem das melhores terras, em territórios pouco atractivos e escassamente produtivos, poder-se-iam ter desenvolvido pequenas comunidades de cariz aldeão, vivendo em regimes de relativa autarcia.

Este quadro social tem vindo a ser esboçado a partir de múltiplos trabalhos baseados na documentação de unidades habitacionais de cariz rural, que nos fazem transparecer uma realidade camponesa complexa e diversa, mas certamente muito mais próxima e isonómica que a patenteada para o final da Idade do Bronze. Os dados que temos vindo a coligir nas necrópoles apresentadas vêm sustentar de modo mais consistente esta perspectiva.

O campo teria sido, então, um espaço múltiplo de vivências que dificilmente se encaixaria em esquemas político-sociais rígidos e inflexíveis, onde a diversidade nunca teria lugar. Esta perspectiva tem vindo a ser desenvolvida nos últimos anos para boa parte da Idade do Ferro do centro e norte da Europa,

onde os modelos hierárquicos e rígidos com que se tem vindo a ler as realidades mediterrâneas encontram pouco eco (Thurston, 2010). Recentemente, novos modelos e leituras sociais foram tentados para explicar realidades sociais e de povoamento com algumas afinidades com as centro-alentejanas, nomeadamente para as Vegas Altas do Guadiana, introduzindo-se leituras de fundo heterárquico (Rodríguez Díaz, 2009, p. 179).

Creemos ser este o caminho que temos trilhado para ler as estruturas de povoamento atomizadas que se têm vindo a reconhecer no território alentejano. Os modelos heterárquicos, ou mesmo o próprio “modelo celular” proposto para o território extremeño, podem assumir contornos bastante distintos, profundamente hierarquizados intra-sítio ou dentro de cada território (Crumley, 1995). No mesmo sentido parecem apontar as “*house societies*” (González-Ruibal, 2006), que poderão ajudar a compreender a estruturação do espaço rural em torno de amplos conjuntos edificados, como os registados em Espinhaço de Cão ou Malhada das Taliscas (Calado e Mataloto, 2008), que poderão coordenar, com base em esquemas clientelares de origem familiar ou não, pequenos territórios, fomentando a atomização do poder, justificando a existência de uma sociedade onde as clivagens não existem, apesar das diferenças reconhecíveis e patentes nas necrópoles apresentadas.

Na realidade, estas necrópoles terão sido geradas por pequenas comunidades camponesas, certamente muito relacionadas por laços de sangue, as quais, apesar da sua modéstia, conseguem estar integradas em redes de distribuição de produtos de grande circulação, sem que para tal tenhamos qualquer indício claro da existência de hierarquias bastante vincadas, ou qualquer sistema de opressão efectiva ou ideológica. Assim, em necrópoles como a da Tera vemos que, apesar das diferenças nos espólios funerários, onde claramente se poderá falar de diferenciação, mas mais dificilmente de hierarquias vincadas, fica patente a partilha do espaço e a convivência entre indivíduos, e provavelmente famílias, de condição económica aparentemente distinta. Todavia, insisto, numa perspectiva global, e mesmo atendendo a factores de distorção, como

os elementos cronológicos, não vemos diferenças abruptas.

Estas sociedades rurais viveram um processo social de grande complexidade e ambiguidade, dada a própria ambivalência em que se encontravam. Por um lado, surgem-nos como comunidades fortemente rurais, com o atavismo típico destas comunidades, procurando enraizar-se através da disposição dos seus mortos junto de marcos de ancestralidade, principalmente antigos monumentos dolmênicos, como na Hortinha, ou mesmo construindo monumentos de verdadeira linguagem megalítica, como na Tera. Por outro, participam de um processo de total transformação social e de ruptura com o mundo anterior, assimilando novas práticas, como o ritual de cremação, novas arquitecturas domésticas ou, mesmo, novas linguagens transregionais de representação e estética, através da ostentação de elementos de indumentária de grande circulação e distribuição, caso dos fechos de cinturão e fibulas. Certamente procurar-se-ia emular, a nível local, modos de estar e viver claramente forâneos, emanados a partir do litoral. Este processo acabaria, certamente, por gerar novas dinâmicas que se viriam a traduzir na emergência crescente de diferenciação inter e intra grupal, da qual acabariam por sobressair, em áreas específicas, verdadeiros Senhores da Terra.

O modo progressivo como as armas parecem vir a surgir nos espólios funerários, estando quase ausentes em necrópoles como a Tera, parece traduzir justamente este processo lento, mas inexorável, de complexificação social e emergência dos Senhores da Terra, que culminará na amortização de verdadeiras panóplas guerreiras durante a segunda metade do milénio, ao invés das monótonas séries de lanças longas e contos que parecem dominar durante o segundo quartel do 1º milénio aC.

## Bibliografia

- ALMAGRO-GORBEA, M., (ed) (2008) *La necrópolis de Medellín. II – Estudios de los hallazgos*. BAH, 26-2.
- ALMAGRO-GORBEA, M., (2008) Cuentas de collar y botones. In ALMAGRO-GORBEA, M., (ed) *La necrópolis de Medellín. II – Estudios de los hallazgos*. BAH. 26-2, p. 395-399.
- ALMAGRO-GORBEA, M., (1996) - *Ideología y Poder en Tartessos y el Mundo Ibérico*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- ALVAREZ-SANCHÍS, J. (1999) Los vettones. BAH, 1.
- ARGENTE OLIVER, J.L.; Díaz, A.; Bescós, A. (2000) *Tiermes V. Carratiermes. Necrópolis celtibérica*. Valladolid: Junta de Castilla Y León. Arqueología en Castilla y León. Memórias. 9.
- ARNAUD, J.M.; GAMITO, T.J. (1974-7) - Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal. I - Cabeça de Vaimonte - Monforte. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III. 7-9, p. 165-202.
- ARRUDA, A.M. (2001) A Idade do Ferro pós-Orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Vol. 4. 2, p. 207-291.
- ARRUDA, A. M., 1999-2000 - *Los fenícios en Portugal: Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal*. Barcelona: Cuadernos de Estudios Mediterráneos.
- BARROS, L.; CARDOSO, J.L. ; SABROSA, A. (1993) Fenícios na margen sul do Tejo. *Estudos Orientais*, 4, p. 143-181.
- CALADO, M.; BARRADAS, M.; MATALOTO, R (1999) Povoamento Proto-histórico no Alentejo Central. *Revista de Guimarães – volume especial-Actas do Congresso de Proto-História Europeia*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento. Vol. I, p. 363-386.
- CALADO, M.; MATALOTO, R. (2008) O Post-Orientalizante da margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo Central). In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) *Side-reum Ana I – El rio Guadiana en época post-orientalizante*, Anejos de Archivo Espanhol de Arqueologia XLVI, p. 219-249
- CALADO, M.; MATALOTO, R. (2001) *Carta Arqueológica de Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.
- CALADO, M.; MATALOTO, R.; ROCHA, A (2007) Povoamento Proto-Histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal). In RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; PAVÓN SOLDEVILA, I. (ed.) *Arqueología de la Tierra. Paisajes rurales de la protohistoria peninsular*. Cáceres, p. 129-179.
- CALADO, M.; ROCHA, L. (1997) Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. Reguengos de Monsaraz.1, p. 99-130.
- CALADO, M.; SANTOS, J.; CARVALHO, M. (2007-2008) Arqueologia do concelho de Évora: um ponto da situação. A Cidade de Évora. II Série, nº 7, p.47-71.
- CARO BELLIDO, A. (1989) *Las cerámicas grises a torno orientalizantes de Andalucía*, Servicio de Publicaciones, Cádiz.
- CERDEÑO SERRANO, M<sup>a</sup> .L. (1978) Los Broches de Cinturón Peninsulares de Tipo Céltico. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 55, p. 271-306.
- CERDEÑO SERRANO, M.L. (1981) Los broches de cinturón tartésicos. *Huelva Arqueológica*. 5, p.31-56.
- CELESTINO, S. (Ed.), (1996) *El Palacio Santuario de Cancho Roano V - VI - VII. Los Sectores Oeste, Sur y Este*. Badajoz: Junta de Extremadura/B. Gil de Santa Cruz.
- CELESTINO, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, F. J. (1993) *El Palacio-Santuario de Cancho Roano IV. El Sector Norte*. Badajoz, B. Gil Santacruz.
- CELESTINO, S.; ZULUETA, P. (2003) Los Bronces de Cancho Roano. In CELESTINO, S. (ed.) *Cancho Roano IX. Los materiales arqueológicos*. Vol II, p. 11-123.
- CORREIA, V. H. (1993) - As necrópoles da Idade do Ferro do Sul de Portugal: arquitectura e rituais. 1<sup>o</sup> Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 1993) - Actas II. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*.

Porto. 33 (3-4), p. 351-375.

CORREIA, V. H. (1997) Um modelo Historiográfico para a Idade do Ferro do Sul de Portugal e a sua Arqueologia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 37 (3-4), p. 41-85.

CRUMLEY C.L., 1995. Heterarchy and the analysis of complex societies. In EHRENREICH, E.; CRUMLEY, C.; LEVY, J. (eds.), *Heterarchy and the analysis of complex societies*. *Archeological Papers of the American Anthropological Association*, 6, p. 1-5.

CUADRADO DÍAZ, E. (1989) *La Necrópolis Iberica de "El Cigarralero" (Mula, Murcia)*, Madrid, CSIC (Biblioteca Praehistorica Hispana, 23).

DÉMOULE, J. P. (1999) La société contre les Princes. *Les Pinceaux de la Protohistoire et l'émergence de l'État*. Naples-Rome: École Française de Rome, p. 125-134.

FABIÃO, C. (1996) O Povoado Fortificado da Cabeça de Vaíamonte (Monforte). *A Cidade*. Portalegre. 11 (Nova Série), p. 31-80.

FABIÃO, C. (1998) *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*, Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. 3 Vol., policopiado.

FABIÃO, C. (2001) Importações de origem mediterrânea no interior do sudoeste peninsular na segunda metade do Iº milénio a.C.: materiais de Cabeça de Vaíamonte, Monforte. In, *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do colóquio internacional* (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000). Lisboa: Universidade Aberta, p. 197-228.

FERNÁNDEZ GÓMEZ, F. (1997) *La necrópolis de la Edad del Hierro de "El Raso" (Candeleda. Ávila). "Las Guijas, B"*. Zamora: Junta de Castilla y León. Arqueología en Castilla y León, 4.

GAMITO, T.J. (1988) Social Complexity in South West Iberia, 800-300 BC. *The Case of Tartessos*, Oxford (B.A.R.-I.S., 439).

GAMITO, T.J. (1982) A Idade do Ferro no Sul de Portugal Problemas e Perspectivas. *Arqueologia*. 6, p. 65-78.

GOMES, S.; BRAZUNA, S.; MACEDO, M. (2002) Ocupações romanas na margem direita do Guadiana. *Almadan*. Alameda. IIª série. N.º 11, p. 134-138.

GONZÁLEZ, PRATS, A. (2002) *La necropolis de cremación de Les Moreres*. Alicante. Edición aparte del III Seminário Internacional sobre temas Fenícios.

HERNÁNDEZ CARRETERO, A. (2005) Estudio Paleolítico de la cuenca baja del Guadiana (ALENTEJO). Relatório inédito, estruturado no âmbito dos estudos das intervenções do Bloco 8 do PMI de Alqueva.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F.; GALÁN DOMINGO, E. (1996) *La Necrópolis de "El Mercadillo" (Botija, Cáceres)*. Extremadura Arqueológica, 6.

INGOLD, T. (1993) Temporality or Landscape. *World Archaeology*. N.º 25, p. 152 a 174

JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2009) Modelos arquitectónicos en la Protohistoria del suroeste peninsular: edificios en "tridente". In MATEO, P.; CELESTINO, S.; PIZZO, A.; TORTOSA, T. Santuários, Oppida y ciudades: arquitectura sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterráneo Occidental. Anejos de Archivo Español de Arqueología. XLV, p. 89-100.

JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) (2006) *El conjunto orientalizante de Talavera la Vieja (Cáceres)*. Cáceres: Museu de Cáceres/IAM. Memórias. 5.

JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2003) Las sandalias de Apolo. Sobre el origen griego de los cinturones «célticos». *Archivo Español de Arqueología*. 76, p. 31-46.

JIMÉNEZ ÁVILA, J. (1999): "Los objetos de vidrio procedentes del yacimiento de Pajares. Estudio preliminar". In S. Celestino (ed.) *El yacimiento Protohistórico de Pajares. Villanueva de la Vera*. Cáceres. 1. Memorias de Arqueología Extremeña 3, p. 139-153.

JIMÉNEZ ÁVILA, J. (1997) Cancho Roano y los Complejos Monumentales Post-Orientalizantes del Guadiana. *Complutum*. Madrid. 8, p.141-159.

JIMÉNEZ FLORES, A, M, (1996) *Ritual funerario y sociedade en las necrópolis fenicias de época arcaica de la Peninsula Iberica*. Écija: Gráficas Sol

- LORRIO, A.J., (1988-89) Cerámica gris orientalizante de la Necrópolis de Medellín (Badajoz). *Zephyrus*. Salamanca. XLI-XLII, p. 283-314.
- LÓPEZ AMBITE, F. (2008) Broches de cinturón. In ALMAGRO-GORBEA, M., (ed) *La necrópolis de Medellín. II – Estudios de los hallazgos*. BAH. 26-2, p. 513-528.
- LORRIO, A.J. (1997) *Los Celtiberos*. Alicante/Madrid: Universidad Alicante/Complutense. Complutum Extra. 7.
- LORRIO, A.J. (2008) Cerámica Gris. In ALMAGRO-GORBEA, M., (ed) *La necrópolis de Medellín. II – Estudios de los hallazgos*. BAH. 26-2, p. 673-723.
- LANGLEY, M.; MATALOTO, R.; BOAVENTURA, R.; GONÇALVES, D. (2007) – A ocupação da Idade do Ferro de Torre de Palma: “escavando nos fundos” do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*, 4ª série, 25, p. 229-290.
- MATALOTO, R. (2012) Os senhores e as serras: o final da Idade do Bronze no Alentejo Central. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) *Sidereum Ana II – El río Guadiana en el Bronce Final*, Anejos de Archivo Español de Arqueología LXII, p. 185-213.
- MATALOTO, R. (2009) Através dos campos: arquitectura e sociedade na Idade do Ferro alto alentejana. In BELARTE, C. (ed.) *L'espai domèstic i l'organització de la societat a la protohistòria de la Mediterrània occidental (Ier mil·lenni aC)*. Actes de la IV Reunió Internacional d'Arqueologia de Calafell (Calafell -Tarragona, 6 al 9 de març de 2007). *Arqueomediterranea*, 11, p. 279-298.
- MATALOTO, R. (2008) O pós-Orientalizante que nunca o foi. Uma comunidade camponesa na Herdade da Sapatoa. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) *Sidereum Ana I – El río Guadiana en época post-orientalizante*, Anejos de Archivo Español de Arqueología XLVI, p. 219-249
- MATALOTO, R. (2007) – Viver no campo: a Herdade da Sapatoa (Redondo) e o povoamento rural centro alentejano em meados do I milénio. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 10: 2, p. 135-160.
- MATALOTO, R. (2007a) Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 10. nº 1, p. 123-140.
- MATALOTO, R. (2005) Em busca do Mediterrâneo: A Idade do Ferro do Alentejo Central (Portugal). In CELESTINO PÉREZ, C.; JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) *El Período Orientalizante*. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. Mérida: IAM/CSIC. Anejos de Archivo Español de Arqueología, XXXV. Vol. II, p. 955-966.
- MATALOTO, R. (2004) *Um “monte” da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no Iº milénio a.C. do Alentejo Central*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. *Trabalhos de Arqueologia*. 37.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (2000) - *Le site phénicien d'Abul (Portugal)*. Comptoir et Sanctuaire. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- PARZINGER, H. e SANZ, R., 1986 Zum Ostemediterranean Ursprung einer Gürtelhakenform der Iberischen Halbinsel. *Madrider Mitteilungen*. Madrid. 27, p. 169-194.
- PONTE, M.S. (2006) *Corpus Signorum das fibulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Coimbra: Caleidoscópio.
- PONTE, M.S. (1987) Algumas Fíbulas de Torre de Palma (Monforte). *Actas das Iª Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano (Castelo de Vide, 1985)*, s/l, p. 117-121.
- PONTE, M.S. (1986) Algumas Peças Metálicas de Necrópoles Romanas do Distrito de Portalegre e Évora. *Conimbriga*. Coimbra. 25, p. 99-129.
- PONTE, M.S. (1985) As Fíbulas de Vaiamonte. *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas (Lisboa, 1980)*. Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca, p. 137-158.
- PONTE, M.S. (1985b) *Algumas Fíbulas de Alcácer do Sal*, “O Arqueólogo Português”, Série IV, 3, p. 137-154.
- PELLICER, M. (2000) El proceso Orientalizante

en el Occidente Ibérico. *Huelva Arqueológica*. Huelva. Vol. 16, p. 89-134.

ROCHA, L. (2012) Anta do Monte das Figueiras. In CALADO, M; ROCHA, L.; ALVIM, P. *O Tempo das Pedras-Carta Arqueológica de Mora*. Câmara Municipal de Mora, p. 119-120.

ROCHA, L. (2007) Relatório da intervenção na Anta da Hortinha 1. Disponível em: [http://api.ning.com/files/OYA1Te\\*OeHsAakJI9JXHa9yA2FI0wy-gzF4li2giM5\\*89DmZG-OhZEVFe69ng-8iviBMFZO-V2HK5qqJE5aLqkp57y3QIDbuT/Relatrio\\_Hortinha\\_1.pdf](http://api.ning.com/files/OYA1Te*OeHsAakJI9JXHa9yA2FI0wy-gzF4li2giM5*89DmZG-OhZEVFe69ng-8iviBMFZO-V2HK5qqJE5aLqkp57y3QIDbuT/Relatrio_Hortinha_1.pdf); acedido em Dezembro de 2012.

ROCHA, L. (2003) O monumento megalítico da Idade do Ferro do Monte da Tera (Pavia, Mora): Sectores 1 e 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 6, nº 1, p. 121-129.

ROCHA, L. (2003b) – O monumento megalítico do Monte da Tera (Pavia, Mora). Sector 2: resultados das últimas escavações. *Trabalhos de Arqueologia 25: Muita gente, poucas antas? Origens, Espaços e contextos do Megalitismo – Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA, p. 339-350.

ROCHA, L. (2003c) Relatório da campanha 2003 na necrópole da Idade do Ferro da Tera.

RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (2009) Campesinos y «señores del campo»- Tierra y poder en la protohistoria extremeña. Bellaterra.

RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (Ed.) (2004) El edificio protohistórico de “La Mata” (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial. Cáceres: Universidad de Extremadura. 2 vols.

RUIZ DELGADO, M. M. (1989) *Fibulas Protohistóricas en el Sur de la Península Ibérica*. Sevilla: Publ. de la Universidad de Sevilla.

SCHÜLE, W., 1969 *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*, Berlin (Madriider Forschungen, 3).

SANTOS, F.; ANTUNES, A.; GRILO, C.; DEUS, M. (2009) A necrópole da Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo-Alentejo. *Actas IV Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsu-*

*la. Huelva*, p. 746-804.

SILVA, C. T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. M.; DIAS, L. F.; COELHO-SOARES, A. (1980-1981) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 149-218.

THURSTON, T. (2010) Bitter arrows and generous gifts: what was a “king” in the European Iron Age? In PRICE, T.D.; FEINMAN (eds) *Pathways to power-new perspectives on the emergence of social inequality*, p. 193-254.

TORRES ORTIZ, M. (1999) - *Sociedad y Mundo Funerario en Tartessos*. Bibliotheca Archaeologica Hispana. Madrid: Real Academia de la Historia. 3.

TORRES ORTIZ, M. (2002) *Tartessos*. Bibliotheca Archaeologica Hispana. Madrid: Real Academia de la Historia. 14.

TORRES ORTIZ, M. (2005) Una colonización tartésica en el interfluvio Tajo-Sado durante la Primera Edad del Hierro? *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Vol. 8. nº 2, p. 193-213.

TORRECILLAS, J.F. (1985) *La necrópolis de época tartésica del «Cerrillo Blanco» (Porcuna, Jaén)*. Jaén: Instituto de Estudios Giennenses (C.S.I.C./Diputación Provincial.

VIANA, A. (1945), “Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo”, *Arquivo de Beja*, V, 3-39.